

Historiografia



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ÁLVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUIA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Coleção Bibliotheca Latina

Comissão Editorial

COORDENADORES

MATHEUS TREVIZAM E PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS

ISABELLA TARDIN CARDOSO – LUIZ FRANCISCO DIAS

MARCOS MARTINHO DOS SANTOS – PEDRO PAULO ABREU FUNARI

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial

ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO

EDUARDO GUIMARÃES

Pedro Paulo Funari
Renata Senna Garraffoni

Historiografia
Salústio, Tito Lívio e Tácito

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

F962h Funari, Pedro Paulo.
Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito / Pedro Paulo Funari, Renata Senna Garraffoni. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

1. Salústio, 86-34 aC.. 2. Tito Lívio. 3. Tácito. 4. Historiografia.
I. Garraffoni, Renata Senna. II. Título

ISBN 978-85-268-1331-1

CDD - 907.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Salústio, 86-34 aC.	907.2
2. Tito Lívio	907.2
3. Tácito	907.2
4. Historiografia	907.2

Copyright © by Pedro Paulo Funari
Renata Senna Garraffoni
Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Agradecimentos

Agradecemos a Anthony Birley, Cláudio Umpierre Carlan, Carlos Fabião, Richard Hingley, David Lowenthal, Juliana Bastos Marques, Darío Sánchez, Douglas Figueira Scirea, Matheus Trevizam e Greg Woolf. Mencionamos o apoio institucional dos Departamentos de História da UFPR e da Unicamp, do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam/Unicamp) e do Ceipac da Universidade de Barcelona, Espanha, assim como das bolsas de pesquisa do CNPq, Fapesp, Capes, FNDE (Programa de Educação Tutorial) e British Academy. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

*It's all now you see. Yesterday won't be over until
tomorrow and tomorrow began ten thousand years ago.*

*Tudo está no presente, entenda isso. Ontem só acabará
amanhã e amanhã começou há dez mil anos.*

William Faulkner (1897-1962),
Intruder in the dust [O intruso, 1948]

Sumário

Apresentação.....	11
CAPÍTULO I – Considerações sobre o gênero historiográfico.....	17
I.1 <i>Escritas sobre o passado</i>	17
I.2 <i>O gênero historiográfico antigo</i>	27
CAPÍTULO II – A historiografia latina.....	31
II.1 <i>As origens</i>	31
II.2 <i>A posteridade dos historiadores latinos</i>	36
II.3 <i>Um mundo em transformação</i>	39
CAPÍTULO III – Salústio.....	43
III.1 <i>Vida, carreira e morte de Salústio</i>	43
III.2 <i>Salústio literato</i>	45
III.3 <i>O estilo narrativo</i>	56
III.4 <i>As fontes de Salústio</i>	59
III.5 <i>Perspectiva historiográfica</i>	62
CAPÍTULO IV – Tito Lívio.....	67
IV.1 <i>Vida, carreira e morte de Tito Lívio</i>	67

IV.2	<i>Tito Lívio literato</i>	70
IV.3	<i>O estilo narrativo</i>	74
IV.4	<i>As fontes de Tito Lívio</i>	83
IV.5	<i>Perspectiva historiográfica</i>	86
CAPÍTULO V – Tácito.....		89
V.1	<i>Vida, carreira e morte de Tácito</i>	89
V.2	<i>Tácito literato</i>	94
V.3	<i>O estilo narrativo</i>	102
V.4	<i>As fontes de Tácito</i>	109
V.5	<i>Perspectiva historiográfica</i>	121
VI – Considerações finais.....		127
VII – Breve bibliografia comentada.....		131
VIII – Pequena antologia.....		133
VIII.1	<i>Salústio</i>	135
VIII.2	<i>Tito Lívio</i>	138
VIII.3	<i>Tácito</i>	140
IX – Bibliografia geral.....		143

Apresentação

Nosso interesse principal ao escrever esse breve panorama acerca dos principais historiadores latinos é instigar os leitores e as leitoras a um contato diferente com o passado romano. Pode parecer estranho em nossa sociedade atual, tão marcada pelas ideias de velocidade da comunicação e das notícias, de progresso e preocupações com o futuro, propormos um convite para olhar o passado. Mas temos algumas razões para isso e são elas que gostaríamos de partilhar. Inspirados por algumas propostas de Lowenthal (1985), acreditamos que o passado é fundamental para conhecermos nosso lugar hoje. Não estamos afirmando, com isso, que há uma linha direta entre passado romano e nosso cotidiano hoje no Brasil (Garraffoni e Funari, 2012), como se fôssemos herdeiros únicos e diretos de suas conquistas, ou que somos nostálgicos de algum momento da História, mas, ao contrário, nosso interesse pelo passado está em perceber sua multiplicidade, como possui diferentes papéis nas culturas, como é moldado – enfim, como o passado é construído e narrado.

Esse é um ponto bastante importante para entender as páginas que seguem e as escolhas que fizemos. Os leitores e as leitoras logo perceberão que há múltiplas maneiras de chegar ao passado e que, desde a Antiguidade, se discutem as maneiras de como fazê-lo e narrá-lo. Nesse sentido, estruturamos nossas

considerações a partir da perspectiva em que, ao contar algo sobre o passado, os historiadores lançam mão de métodos e técnicas para estabelecer conexões aos feitos humanos e lhes dar coesão. Discutir as formas dessas narrativas é, portanto, nosso objetivo central. Como são muitos os caminhos que poderíamos percorrer, tivemos que optar por algumas abordagens e acreditamos importante explicar como fizemos isso.

Iniciamos nosso percurso comentando as formas de escrita sobre o passado e indicando que o trabalho do historiador varia bastante ao longo do tempo, assim como sua forma de escrever e ordenar um texto. Assim, essa introdução se faz necessária, pois consideramos que aquele que escreve sobre o passado o faz sempre com base nos referenciais de seu presente. A escrita da História, da maneira como a entendemos, não é neutra, mas inserida nas agruras do tempo daquele que escreve. Munslow (1997, p. 10) já apontou que, como a História é escrita por historiadores, ela pode ser entendida como um produto cultural daquela sociedade em que está inserida. Ter em mente essas considerações é fundamental para entender a maneira como estruturamos o capítulo I, no qual discutimos dois aspectos importantes: (1) que os historiadores modernos dialogam com diferentes formas de escrever sobre o passado ao longo do tempo e, ao fazê-lo, recriam seu estilo narrativo e sua forma de análise; (2) que, mesmo na Antiguidade, o gênero historiográfico não era uniforme, havia várias maneiras de narrar o passado naquele momento também.

Após situar nossa forma de aproximação do passado, passamos a explorar a historiografia latina, objeto central deste livro. O capítulo II é, então, um mergulho nesse universo, as relações entre as percepções latinas e gregas, as particularidades dos discursos romanos, o lugar das narrativas bélicas e a formação

de certa tradição de narrar o passado a partir de feitos militares e políticos. A seguir, passamos a explorar as vidas e as obras de três historiadores latinos: o capítulo III é dedicado a Salústio (86-35 a.C.), o IV a Tito Lívio (59 a.C – 17 d.C) e o V a Tácito (56-118 d.C). Escolhemos esses três historiadores pela ressonância de suas obras ao longo dos séculos: em especial, na definição dos modos de narrar o passado na academia moderna. Vale ressaltar, portanto, que estaremos comentando aspectos que se referem ao final do período republicano e ao início do Principado romano. Em seguida, apresentamos um balanço de nossas discussões e uma breve antologia de partes de seus textos que consideramos relevantes para que os leitores e as leitoras possam explorar trechos de suas obras e sentir-se estimulados a aprofundar suas pesquisas.

Critérios de tradução¹

Não é possível conhecer uma sociedade ou cultura sem o domínio do seu idioma. Por isso mesmo, os estudiosos de uma sociedade indígena viva devem, antes de tudo, aprender a língua falada por determinada comunidade. Trata-se de um imperativo essencial, pois não podemos entender bem uma cultura se não estivermos a par de conceitos únicos e, no limite, intraduzíveis para outro idioma, mesmo quando aparentado. Como dizer “bateu saudade” no nosso idioma irmão, o castelhano? “Tocó la tristeza” dá uma pálida ideia...

Esse desafio é tanto maior com idiomas que já não são mais falados e que deixaram apenas registros escritos, como é o caso das línguas antigas. Este volume faz parte de uma coleção que busca, sempre que possível, apresentar traduções dos próprios

autores, até para que se possa, dessa forma, preservar as escolhas, sempre arbitrárias, de versão de um idioma a outro. Utilizamos uma única tradução prévia do latinista Leopoldo da Silva Pereira (1868-1932),² cuja versão dos *Anais* guarda grande concisão, a qual nos pareceu justa homenagem ao literato mineiro aqui reproduzir. Todas as outras versões são de nossa autoria. Dois princípios diversos foram levados em conta, a depender de cada trecho vertido. Por um lado, na maioria das vezes, privilegiamos o registro de chegada, de modo que a narrativa soasse compreensível no vernáculo. Esse é um desafio particular, ao considerarmos as especificidades de vocabulário e, mais ainda, de sintaxe dos idiomas traduzidos: o latim e, em um trecho, o hebraico. O latim pode apresentar grande economia na construção das frases, e o uso de orações subordinadas, por vezes por longas linhas, dificulta a compreensão. Por isso mesmo, em diversos passos, demos precedência à compreensão do sentido, com o uso de orações coordenadas e mesmo com locuções que permitissem ao leitor do português ter claro o significado. Da mesma forma, o vocabulário original, por vezes, foi preterido, para que o leitor pudesse entender melhor, como em *uolgate corpore*, vertido para “de vida pouco casta”, em vez de algo menos claro, como seria “cujo corpo era frequentado pelas pessoas”, ou a opção mais bruta “de prostituta”.

Outro princípio, contudo, foi utilizado em alguns passos: a fidelidade ao original. Há casos de trocadilhos em que procuramos, na medida do possível, preservar ou inventar um equivalente em português, mesmo que soe um pouco incomum no vernáculo. Na mesma linha de raciocínio, há máximas curtas que exigem também concisão em português, o quanto possível. Períodos construídos com aditivas no original para reforçar a sensação de movimento foram, da mesma forma, assim apre-

sentados em português, mesmo quando resultam em algo um pouco ríspido ao ouvido. No trecho hebraico, da mesma forma, procuramos preservar a junção de orações aditivas curtas por meio da conjunção ו (vav), traduzida como “e”. Também nesse caso e na medida do possível, a repetição de palavras no original foi mantida, para dar o tom oral e poético do texto de base. Em termos de vocabulário, portanto, em alguns casos, preferimos empregar termos em desuso, como “varão”, para ressaltar que do sexo masculino se tratava, pela importância dessa informação na passagem.

Por fim, esclarecemos que fizemos as escolhas mencionadas ao pensarmos, também, no espírito da coleção Bibliotheca Latina, elencando temas para uma introdução aos gêneros literários romanos e buscando sempre uma escrita didática combinada com as novas abordagens acadêmicas. Esperamos que essa postura incentive os leitores e as leitoras a seguirem pelos meandros da Antiguidade, aptos a percepções críticas acerca do passado e do presente. Boa Leitura!

Notas

- 1 Com relação aos trechos originais em latim, esclarecemos que a maioria foi retirada da *Perseus Digital Library*: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>>. Quando recorrermos a edições impressas, apresentaremos as referências.
- 2 Segundo o Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, Leopoldo da Silva Pereira nasceu em Milho Verde, distrito de Serro, em 1868 – e morreu em Belo Horizonte, em 1932. Professor de português, francês, latim, história e geografia, lecionava no Rio de Janeiro, em São João Del-Rei, Araçuaí e Belo Horizonte. Escreve *História da literatura* (inérita) e *Sintaxe da língua portuguesa*, com duas edições. Publica o volume *Versos*; dois romances: *Amor de infância* e *Destino perseguidor*, e o ensaio intitulado *O município de Araçuaí*. Traduz, do francês, as viagens de Saint-Hilaire a São Paulo, obra publicada com o título *São Paulo nos Tempos Coloniais*; do italiano, *Francesca da Rimini*, de Silvio Pellico, e do catalão, *Estampas catequéticas*, de padre Antônio Claret. Do latim, deixa três traduções: *Eneida*, de Virgílio; *Anais*, de Tácito, e *Poetas e prosadores latinos – Ideias da Antiguidade*.

Considerações sobre o gênero historiográfico

I.1 Escritas sobre o passado

*A Antiguidade não criou apenas um tipo de História.
Criou muitos tipos.
Quem deseja compreender do que trata a historiografia
tem que entrar em contato com a pluralidade dos tipos.*

Arnaldo Momigliano

O objetivo central deste livro é introduzir o leitor e a leitora no universo da historiografia romana e sua diversidade. Para tanto, gostaríamos de destacar, logo de início, que trataremos de textos nas formas em que chegaram até nós por tradição. Isso implica ter em mente dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar, discutiremos estruturas narrativas e gênero literário do passado antigo que sobreviveram e chegaram até nós e, em segundo lugar, como essas tradições de pensamento, mesmo que fragmentadas, dialogam ao longo do tempo. Seja por acaso, seja pelo trabalho de preservação, de alguma forma, muitos dos modelos atuais de escrita da História têm algum débito com os textos antigos. Às vezes, essa relação se dá pelo método, outras, pelo tema escolhido para estudar, ou, ainda, pela forma de narrar. Esse processo não é linear, ao contrário, é bastante fragmen-

tado e constantemente atualizado de acordo com o presente e interesse político daquele que escreve.

Perceber tais meandros e contradições é tanto um desafio quanto um aspecto fundamental do trabalho com a Antiguidade. As considerações que teceremos a seguir seguem por esses encontros e desencontros e optamos por essa perspectiva com o intuito de instigar os leitores e as leitoras a notarem a pluralidade das formas de perceber o passado, suas complexidades e estruturas narrativas. Elas podem, também, inspirar a refletir sobre a escolha dos termos, dos conceitos a serem empregados, bem como da estratégia narrativa a ser seguida.

É preciso ter em mente que conceitos e narrativas são escolhas de quem escreve. Sabemos que, há muito tempo, existe uma salutar preocupação dos estudiosos, desde pelo menos o Iluminismo, no século XVIII, em perscrutar o passado, por exemplo, a partir dos seus próprios termos. Isso já tinha seus antecedentes no Renascimento, quando da luta contra certos privilégios da Igreja, com destaque para Lorenzo Valla (1407-1457) e seu panfleto que buscava provar a falsidade da Doação de Constantino. O primeiro imperador romano que se converteu ao cristianismo, Constantino, liberou o culto cristão no início do século IV d.C. e levou a uma associação entre a instituição eclesiástica e o império, abrindo as portas para o que viria a ser chamado de cesaropapismo, a união da Igreja e do Estado, para usarmos termos modernos. A Igreja enfrentava a ascensão da burguesia e do poder real com o recurso à força da tradição e, para isso, servia um documento atribuído ao imperador romano Constantino, que teria dado à Igreja posses e poderes substanciais. Valla mostrou que o documento não poderia ser do século IV d.C., pois usava termos que só seriam usuais séculos

depois. Em certo sentido, nascia aí a filologia e o embrião da moderna historiografia.

Mas talvez o leitor ou a leitora se pergunte: Qual a relação disso com o gênero historiográfico? Vamos, então, ao conceito de gênero literário. Sempre que escrevemos algo, nós o fazemos com base em alguns parâmetros, mesmo quando não estamos conscientes disso. Uma mensagem no *Twitter* segue certos protocolos, um *e-mail* outros, um ofício ainda outros. Nas provas escolares, pedem-se redações em diferentes gêneros, que sigam diversas normas e estilos. O gênero literário é, portanto, aquilo que permite que alguém escreva algo que possa ser apreciado por outras pessoas que compartilham o conhecimento dessas normas. Uma poesia só é usufruída se houver essa convergência entre o produtor e o leitor/ouvinte. Quando e como surgiu o gênero historiográfico?

Há diversas maneiras de responder a essa pergunta, como em quase tudo na vida. O gênero historiográfico moderno, da nossa época, surgiu no século XIX, como resultado do que viria a ser denominado positivismo, a busca pelos fatos “tal qual aconteceram de fato”, como propôs Leopold von Ranke em 1823 (*wie es eigentlich gewesen*). A História surgia como gênero frio, até mesmo de leitura difícil e desagradável, em contraste com o que eram as características do gênero antes disso (Funari & Silva, 2008). Os imediatos antecessores de Ranke escreviam obras para o deleite literário, para que o leitor ficasse encantado com as narrativas de Gibbon ou de Winckelmann sobre a Antiguidade. Podemos apreciar a diferença entre um trecho belíssimo de Gibbon e outro, árido e seco, de Ranke:

The tender respect of Augustus for a free constitution which he had destroyed, can only be explained by an attentive consideration of the character of that subtle tyrant. A cool head, an unfeeling heart, and a

cowardly disposition, prompted him, at the age of nineteen, to assume the mask of hypocrisy, which he never afterwards laid aside. With the same hand, and probably with the same temper, he signed the proscription of Cicero, and the pardon of Cinna. His virtues, and even his vices, were artificial; and according to the various dictates of his interest, he was at first the enemy, and at last the father, of the Roman world. (26) When he framed the artful system of the Imperial authority his moderation was inspired by his fears. He wished to deceive the people by an image of civil liberty, and the armies by an image of civil government. (Gibbon)¹

O respeito sutil de Augusto pela livre constituição que ele destruiu pode apenas ser explicado por uma consideração atenta do caráter desse tirano sutil. Uma cabeça fria, um coração pouco sentimental e uma disposição medrosa levaram-no, aos dezenove anos, a assumir a máscara da hipocrisia, que, depois, nunca abandonou. Com a mesma mão, e provavelmente com o mesmo temperamento, assinou a proscrição de Cícero e o perdão de Cina. Suas virtudes e até mesmo os seus vícios eram artificiais. E, de acordo com os ditados de seus interesses, era de início o inimigo e, ao final, o pai do mundo romano. Quando inventou o sistema engenhoso da autoridade imperial, sua moderação foi inspirada por seus temores. Queria iludir o povo com uma imagem de liberdade civil e os soldados com a miragem de um governo civil.

Die Absicht eines Historikers hängt von seiner Ansicht ab; von dieser ist hier zweierlei zu sagen. Zuvörderst, daß ihr die romanischen und germanischen Nationen als eine Einheit erscheinen. Sie entschlägt sich drei analoger Begriffe: des Begriffes einer allgemeinen Christenheit (dieser würde selbst die Armenier umfassen); des Begriffes von der Einheit Europa's: denn da die Türken Asiaten sind, und da das russische Reich den ganzen Norden von Asien begreift, könnte ihre Lage nicht ohne ein Durchdringen und Hereinziehen der gesammten asiatischen Verhältnisse gründlich verstanden werden; endlich auch des analogsten,